

O projecto arquitectónico, o homem e o espaço

The architectural project, the man and the space

Renata E. Gomes

Professora Doutora Arquiteta

renataesp@gmail.com

Universidade Politécnica da Catalunha

Barcelona, Espanha

Resumo

Este artigo equaciona o projecto arquitectónico como mediador interactivo entre o espaço e o homem. Considerando, no projecto arquitectónico, o conceito dialogia arquitectónica e também as necessidades humanas e sociais, ele expressa o seu carácter comunicativo e, ao mesmo tempo, evidencia a tríade poética, retórica e ética que nele deve estar plasmado. Pretende, também, enfatizar a importância de um trabalho multidisciplinar na sua realização, em que disciplinas como a sociologia, a psicologia e outras devem necessariamente estar presentes. O artigo apóia-se em um estudo profundo efectuado sobre esta área na qual foi proposto um modo de actuação projectual fundamentado.

Abstract

This article discusses the architectural project as an interactive mediator between space and individual/user. Based on the concept of 'architectural dialogism' and also human and social needs, it expresses its communicative character and at the same time highlights the poetry, rhetoric and ethics harmony that should be reflected on it. This study also aims at emphasizing the importance of being it multidisciplinary, where disciplines such as sociology, psychology and others must necessarily be present to make it complete. The article is based on a research which proposes a new approach of design in this field.

Palavras-chave: espaço, projecto arquitectónico, homem.

Keywords: space, architectural project, man.

Introdução

A persistente incomodidade que uma grande maioria dos espaços arquitectónicos hoje suscita nos seus usuários resulta de diferentes factores. Entre eles, e provavelmente o mais evidente, está a pouca consideração que o projecto arquitectónico tem por esses mesmos usuários na sua vertente psicossocial.

Para resolver esse desiderato, o projecto arquitectónico deve não só ter em conta o ser humano nas vertentes acima descritas como também, a partir delas, desenvolver-se tanto no plano artístico, como no científico e no político. Esses planos devem ser combinados de acordo com as necessidades e desejos do homem, na sua condição individual e social.

Conforme a época e a cultura em que se integra o projecto, esses planos acabam por sofrer nuances de acordo com as necessidades, os interesses e os objectivos aí subjacentes. Por mais distintas que esses matizes se revelem, a orientação do projecto não deve omitir o fundamento arquitectónico que visa garantir o conforto do homem na sua vivência/experiência espacial. Para isso, é fundamental considerar-se que o espaço e o homem são indissociáveis e que se constituem como um intrínseco processo dialógico.

A expressão dialógica fundamenta-se, assim, na interacção entre os aspectos estéticos, técnico/lógicos e éticos num determinado contexto temporal. Nessa interacção, estão intimamente relacionadas a dimensão

histórica, social e cultural. Elas são consideradas intrínsecas nesse processo, pelo facto de a própria condição existencial/espacial do indivíduo delas se nutrir. Deve, portanto, ter-se presente que a interacção entre o sujeito e o espaço influi, muito significativamente, na forma como o homem actua, se projecta e se expressa como indivíduo e como ser eminentemente social.

O arquitecto deve ser consciente da dimensão e do compromisso do acontecimento dialógico na esfera social e cultural do indivíduo. A sua actuação, comprometida por essa realidade, contribuirá para solidificar o fundamento arquitectónico e permitirá, paralelamente, a aproximação a uma resposta mais adequada.

Este facto (essencial) não é, contudo, a única chave para o sucesso arquitectónico.

Existe uma tensão permanente e imprecisa entre as qualidades comunicativas e dialógicas que se supõe que aconteçam, e as que realmente acontecem no momento de vivência/interacção entre o homem e o espaço. Elas ultrapassam, largamente, uma lógica projectual meramente poética (teórica do processo arquitectónico), meramente retórica (persuasiva) ou meramente ética. A acção do arquitecto não pode prescindir de nenhuma das três, se a sua intenção é a de responder enquanto tal e na sua dimensão mais ampla. Deve, então, ser bom poeta, para poder argumentar e conceptualizar devidamente o projecto; ser bom retórico, para poder convencer e deleitar o usuário e, em simultâneo, conhecer a dimensão sociocultural e semiótica (códigos e pautas sociais) de maneira a melhor enquadrar a sua resposta no contexto social e cultural em que se move. O domínio e a correcta combinação dessa tríade potenciarão a interpretação do lugar e fortalecerão a própria condição existencial e espacial do indivíduo. A tensão permanente e imprecisa, anteriormente mencionada, será, igualmente, reduzida.

Atente-se no facto de a arquitectura se enquadrar numa dimensão de carácter “não matemático ou exacto”, para se considerar que a probabilidade constitui a única certeza da razão. Pretender eliminar essa tensão e encontrar “a resposta ideal” constitui uma meta inatingível, por irreal. Apesar disso, deve pretender-se reduzi-la e encontrar formas hipoteticamente mais realizáveis, regendo-se pelo propósito da arquitectura e apoiando-se, correctamente, nos seus meios.

Numa visão global, a actuação arquitectónica emergente parece não ter clarificado o propósito e os meios da sua arte.

Comumente, pelos mais diversos motivos, o projectista dá por certo estar devidamente informado sobre essas questões. Partindo desse princípio, deixa-se, muitas vezes, guiar por estereótipos ou por intuições pouco crédulas que omitem, ou substituem, as necessidades e desejos reais dos usuários. Desse modo, desviam o argumento do pedido e reduzem a conveniência da resposta arquitectónica.

Proposta de um método de actuação¹

A vontade de contribuir para reduzir a ocorrência dessa situação determinou a decisão de iniciar uma investigação profunda sobre o tema.

¹Proposta realizada em Gomes (2008).

Entendendo que a situação exposta poderá melhorar com o esclarecimento do propósito, dos meios da arquitectura e também da posição do arquitecto visto como mediador interactivo entre o espaço e o homem, considerou-se relevante perspectivar e estudar um modo de actuação projectual que se beneficiasse desse esclarecimento.

O modo de actuação proposto fundamenta-se nos conhecimentos adquiridos acerca dos propósitos e dos meios arquitectónicos, vincando os aspectos psicológicos, sociológicos e culturais do homem bem como os aspectos poéticos, retóricos e éticos da arquitectura. O acontecimento dialógico é, da mesma forma, considerado.

O método de actuação projectual proposto desenvolve-se em três fases muito concretas.

A primeira, que parte necessariamente de um conhecimento e consciencialização prévios (propósito e meios), consta de uma investigação sobre os universos físico, psicológico, social e cultural do usuário, a quem a solicitação arquitectónica irá tentar responder. É nessa fase propedêutica que o imperativo da participação das disciplinas relacionadas com o *anthropos* e com a função a que se destina a obra assume maior relevância. Essas disciplinas são as que melhor podem entender e responder a certas questões essenciais ao conhecimento do projectista.

A fase seguinte assenta na identificação de variáveis e prioridades básicas da existência/vivência do usuário no espaço. Entenderam-se como básicas as variáveis fundamentais que garantem, salvo raras excepções, que o homem encontre o conforto na sua própria condição existencial/espacial. Assim, consideraram-se como básicas as variáveis segurança, utilidade e beleza. Esta posição alicerçou-se na opinião de outros autores, nomeadamente a de Marco Vitruvius. Nela, considera-se que essas variáveis constituem as três dimensões principais da arquitectura, centradas no homem e no seu conforto existencial/espacial: *Haec autem ita fieri debent, ut habeatur ratio firmitas, utilitatis, venustatis*².

Porque o homem é um ser social, consideraram-se igualmente primárias as variáveis de relação e de reconhecimento social. A relação entre indivíduos, tal como o reconhecimento entre eles, constituem uma necessidade inata do homem. As suas formas e convenções estão marcadas, também, pelos distintos perfis sociais e culturais de um lugar. O reconhecimento social está directamente implicado nessa relação porque o comportamento e a interacção (e até a personalidade de um indivíduo) se movem por influência de uma avaliação e reconhecimento social. A relação social expressa o grau de diferenciação do *status quo* social. Por este facto se entende, também, a necessidade de reconhecimento social. Essa ideia é apoiada em diversas teses, como a de Frederic Munné (1995, p. 31) (Figura 1).

² Tradução: Os edifícios devem construir-se com atenção à firmeza (*firmitas*), comodidade (*utilitatis*) e beleza (*venustatis*) Vitruvius (1987).

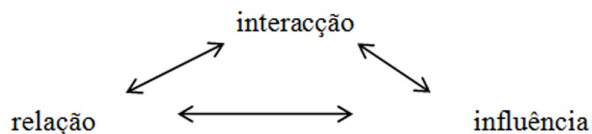


Figura 1. *Interação social por Frederic Munné (1995).*

As variáveis específicas, ao contrário das básicas, são inconstantes e dependerão do uso e das intenções programadas para o espaço arquitectónico em questão. É nessa fase que deverão ser identificadas.

O conjunto de todas as variáveis, as básicas e as específicas, servirá de referência para a actuação projectual e, sobretudo, assumir-se-á como o fundamento para orientar a poética, a ética e a retórica arquitectónicas. As várias entidades comunicativas que sustentam a retórica, nomeadamente, a forma, a luz, a cor e a textura, irão assentar, em grande parte, nessas mesmas variáveis.

A terceira fase, chamada de Avaliação Pós-Ocupacional, coincide já com o edifício em pleno uso. Baseia-se na revisão analítica das necessidades e na observação da resposta dos espaços e do comportamento dos usuários. Essa avaliação deverá ser realizada por profissionais de diversas áreas, tais como arquitectos, psicólogos, sociólogos etc. Os conhecimentos derivados da fase *Avaliação Pós-Ocupacional* não devem ser depreciados no percurso curricular do arquitecto pelos benefícios que podem trazer a qualquer obra posterior que ele projecte. Essa atitude permite revitalizar o acto arquitectónico. Permite, igualmente, que o resultado do seu trabalho seja mais que uma mera “tipologia arquitectónica” na qual, entre outras, as questões comunicativas e interactivas do espaço possam melhor responder à vivência do ser humano.

Seguidamente, expõe-se um exemplo, muito resumido, dessa forma de actuar sobre um caso muito específico, que constituiu, ao mesmo tempo, o estudo de caso da tese de doutoramento realizada: a piscina como palco de treino do nadador de competição, na sociedade ocidental. Dessa forma, é possível entender-se o tipo de abordagem e o tipo de respostas dadas ao problema.

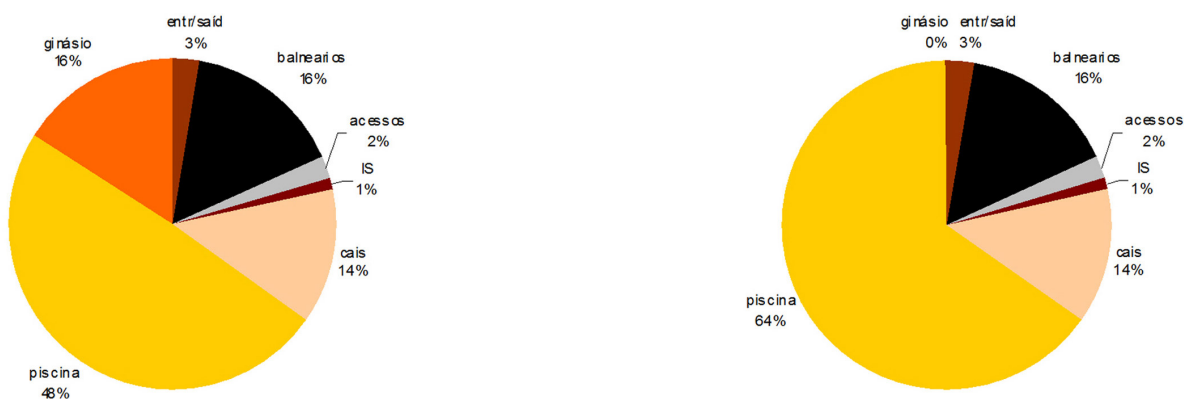
As variáveis específicas desse cenário decorreram de um criterioso trabalho de campo. Ele teve início com contactos e entrevistas a profissionais das ciências humanas tais como psicólogos, sociólogos e antropólogos, a profissionais da arquitectura e da psicologia ambiental, da psicologia desportiva, das ciências de motricidade humana e do desporto.

Posteriormente, e mantendo em todo o processo uma ligação recorrente a qualquer desses profissionais sempre que a situação a impunha, entrou-se em contacto directo com o nadador, tendo em vista a aquisição de dados informativos referentes ao usuário (do ponto de vista psicossocial), relativos ao uso/função (do ponto de vista fisicopsicossocial) e relativos à sua relação dialógica com o espaço arquitectónico da instalação desportiva. Pretendeu-se, com essa acção, encontrar fundamento para uma classificação compositiva.

O estudo foi realizado com o auxílio de diferentes suportes analíticos, a saber: observações; entrevistas; questionários; sistemas audiovisuais e desenhos. Desses suportes, analisaram-se a contagem de tempo/espaço, a significância e pertinência das diferentes variáveis no espaço, as palavras do nadador mais

empregadas no seu discurso referentes à instalação em geral e relativas a cada espaço em concreto, a relação entre as palavras referentes a elementos físicos arquitectónicos – variáveis – espaços da instalação e, finalmente, o conhecimento compositivo da instalação. As informações recolhidas dizem respeito à piscina onde os atletas sujeitos ao estudo treinam e foram recolhidas nessas mesmas instalações.

A quantificação temporal dos espaços é uma ferramenta que fornece, entre outros, dados que permitem entender melhor a vivência e o uso que o nadador faz das instalações. A importância de cada espaço e o tempo vivido em cada um deles não é directamente proporcional. Cada espaço, ainda que com o seu tempo de uso distinto, tem a sua função e importância dentro de um dado contexto, independentemente do tempo nele vivido. A quantificação mencionada foi realizada por meio de dois processos: o preenchimento de uma tabela por parte dos nadadores participantes do estudo, e a observação e cronometragem da vivência dos atletas em cada um dos espaços das instalações. Os resultados que se apresentam constituem a média percentual entre os valores apurados em ambos os processos nas várias instalações estudadas. Resumem-se, igualmente, os valores médios registados durante uma semana (Figura 2).

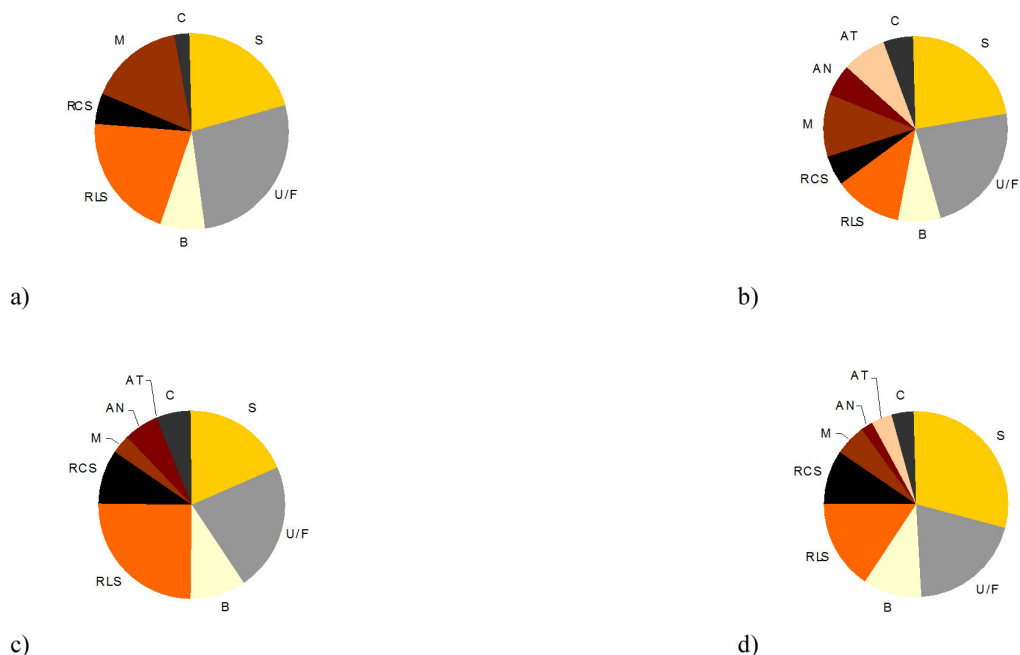


(a) quando conste o exercício no ginásio

(b) quando não conste o exercício no ginásio

Figura 2. Quantificação temporal dos espaços.

Consideraram-se variáveis específicas, estabelecidas pelos estudos e entrevistas realizadas a diversas entidades, a motivação, a atenção/concentração, a ansiedade e a confiança. A opinião dos usuários face a essas variáveis foi registrada por meio de questionários. Os resultados destes referem-se à situação real e à situação desejada. Foi feita distinção entre os locais por onde os atletas passam duas vezes (antes e após o treino). A seguir, apresentam-se os gráficos referentes ao espaço do balneário (Figura 3).



segurança (S), utilidade/funcionalidade (U/F), identificação estética-beleza (B), relação social (RLS), reconhecimento social (RCS), motivação (M), atenção/concentração (AT), ansiedade (AN) e confiança (C).

(a) Balneário/antes treino – situação real
(c) Balneário/após treino – situação real

(b) Balneário/antes treino – situação desejada
(d) Balneário/após treino – situação desejada

Figura 3. Classificação das variáveis nos balneários.

As entrevistas e os questionários serviram para melhor se entender o discurso dos atletas face à sua relação dialógica com o espaço. Ao mesmo tempo, e sobretudo por intermédio das entrevistas, incluiu-se a observação. Foram, desse modo, obtidas mais respostas inferíveis por meio, entre outros, de gestos, do tom de voz e das expressões faciais e corporais. Esses dados possibilitaram a complementação das observações posteriores. Considerou-se o valor do discurso dos atletas de grande relevância, embora sem deixar de se considerar que se trata de um dado mais a ter em conta para a compreensão da situação.

Além do conteúdo do discurso, oral (entrevistas) e escrito (questionários), identificaram-se e hierarquizaram-se (segundo o volume da sua incidência) as palavras que os participantes mencionavam. O resultado dessa contagem serviu, também, para perceber os “objectos” a que eles dão maior relevância (quer do ponto de vista positivo, quer do ponto de vista negativo).

Houve situações em que, para um mesmo significado, foram empregadas várias palavras. Optou-se por se simplificar e apresentar a palavra que mais incidência tinha dentro de um mesmo significado. Logo a seguir, apresenta-se o quadro referente ao balneário (Figura 4).



Figura 4. Identificação e hierarquização das palavras dos nadadores referentes aos balneários.

Com o objectivo de melhor entender o mapa mental dos nadadores, foi-lhes pedido, durante a entrevista, para fazerem um desenho da instalação da piscina onde figurassem os vários espaços que a constituem. Esse desenho ajudava igualmente a clarificar as respostas à entrevista, uma vez que a sua visualização, por exemplo, afastava a possibilidade de uma pergunta sobre um espaço específico da instalação cair no abstracto.

Concretizou-se o conhecimento das instalações da piscina, por meio de dados fornecidos pelos clubes ou arquitectos das respectivas instalações e da própria visita ao local. A avaliação do conhecimento compositivo da instalação pelos nadadores, com base nos desenhos que realizaram, regeu-se por:

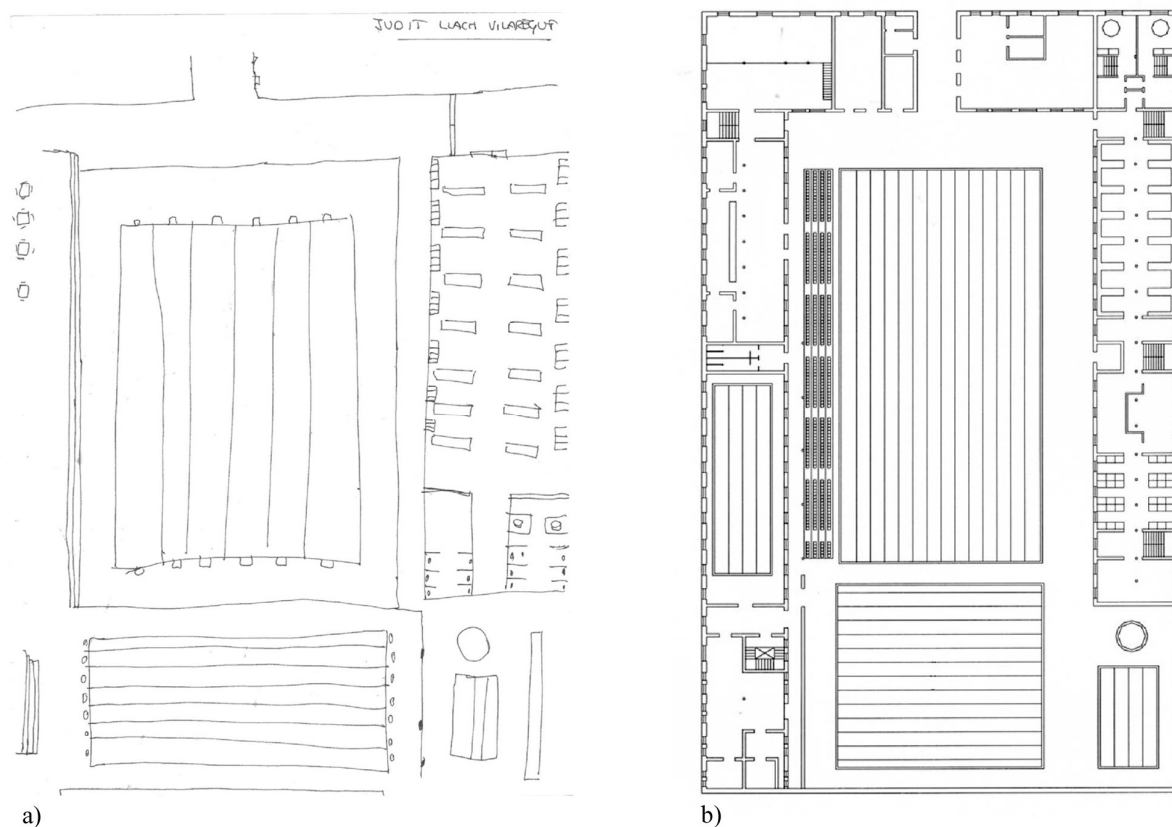
- (1) diferença numérica entre os espaços desenhados e os que existem na piscina (todo o edifício) - EP (espaços da piscina);
- (2) diferença numérica entre os espaços que são vividos pelos nadadores e os que são desenhados - EN (espaços que vive o nadador);
- (3) localização de todos os espaços que constituem a piscina - LP (localização dos espaços da piscina);
- (4) localização de todos os espaços que são vividos pelos nadadores - LN (localização dos espaços que vive o nadador).

Consideram-se os pontos (2) e (4) os mais significativos para a avaliação em conta. Desse modo, justificam a equação que se segue:

$$n. apr. = \frac{EP + (2 \times EN) + LP + (2 \times LN)}{6}$$

O resultado de 90,8% revelou um alto conhecimento compositivo do espaço pelos nadadores nas instalações onde treinam.

A seguir, apresenta-se um exemplo de um desenho efectuado por um dos nadadores submetidos ao estudo. Ao lado, está a planta real dessa instalação, que permite evidenciar a clareza do mapa mental deste nadador referente à piscina onde treina (Figura 5).



(a) Planta da Piscina do Club Natació Mediterrani. Desenho realizado por Judit Llach (nadadora do clube)

(b) Planta da Piscina do Club Natació Mediterrani. piso térreo (s/ escala) (A): Ildefons Ojaos

Figura 5. Localização de todos os espaços que constituem a Piscina.

O conjunto de informações decorrentes deste trabalho de campo, complementadas com as informações resultantes do já referido trabalho inicial, mas que acompanhou todo o processo de intervenção com os utentes, permitiu melhor entender quem são os usuários, como actuam e interactivam com o espaço e as necessidades e os desejos que têm nesse contexto.

De forma muito resumida e apoiada nas mais significativas informações reunidas na fase propedêutica, exemplificam-se, a seguir, o tipo de abordagem e a atitude projectual que se propõe.

Observe-se a variável “segurança”. Esta variável foi considerada muito relevante em quase todos os espaços/compartimentos por onde o nadador vive durante a sua vivência na instalação. Existem, no entanto, momentos nos quais a necessidade de o nadador ser estimulado por essa variável/sentimento se torna mais premente, especialmente quando o nadador se encontra equipado.

Os níveis do sentimento de segurança, tanto físico como psicossocial, desenvolvem-se similarmente (Figura 2) segundo a roupa/o equipamento que o atleta use. Se, por um lado, o indivíduo se sente menos protegido fisicamente pelo facto de o corpo ser tapado numa área reduzida e, por isso, aumentar a probabilidade do contacto pélvico com o meio/espço, a mesma situação pode promover a inibição do indivíduo porque cultural e socialmente o corpo está mais exposto e desprotegido relativamente ao padrão social que o enforma.

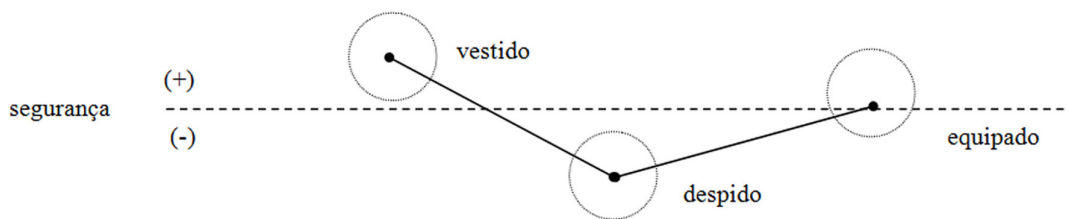


Figura 6. Sensação de segurança segundo traje.

Ao se restringir a questão ao espaço do balneário, onde o atleta tanto se pode encontrar vestido como despido ou equipado, podem enumerar-se algumas idéias a esse respeito. Relativamente ao primeiro factor, que implica as questões relativas à higiene, existem estratégias que podem estimular o sentimento de segurança e suscitem no atleta uma atitude psicológica mais favorável para a realização do treino e um sentimento de maior comodidade após tal atividade.

Os azulejos, materiais lisos e brilhantes, associam-se facilmente a conceitos de higiene porque são materiais de fácil limpeza. Por outro lado, ao serem de textura lisa (e normalmente, nesses espaços, de cores luminosas) permitem que o usuário avalie a situação higiénica do local onde se encontra. Esses materiais, com estas características, devem ser aplicados apenas nas superfícies verticais. Quando aplicados no pavimento, contrariamente, poderão suscitar reacções prejudiciais ao sentimento de segurança. Um pavimento de textura lisa torna-se um factor indutor de quedas (mais ainda em um lugar onde a presença da água é freqüente, o que reduz a aderência do piso). Acresce que, ao ser de cor clara e plana, realça qualquer sujeira existente. Essas situações enfatizam o sentimento de falta de segurança que pode reflectir-se, negativamente, na conduta do indivíduo (Figura 7).

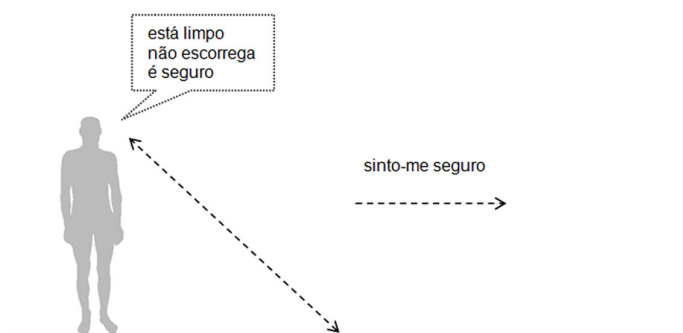


Figura 7. Percepção/comportamento.

Relativamente à segurança, numa perspectiva social, existem várias estratégias para proporcionar um ambiente cómodo e seguro ao usuário.

Ao longo do estudo, foi emergindo, claramente, a necessidade de os nadadores compensarem a inibição social que o treino de natação lhes suscita. Os balneários, nesse sentido, constituem um dos locais mais apropriados para o efeito, sobretudo após o treino. Ainda assim, considera-se essencial garantir-lhes a possibilidade de escolha – sós ou acompanhados – de modo a responder à necessidade natural do homem de poder eleger e encontrar-se só quando bem o entender. A situação de obstar o relacionamento social, se eleito pelo indivíduo pode, inclusivamente, constituir um factor negativo para uma saudável relação social. Esse tipo de espaço, isolado da entidade social, permite que o indivíduo dela se possa proteger, como também pode garantir a possibilidade de promover a concentração ou um cómodo descanso (caso as características do ambiente se revelem favoráveis).

As cabinas individuais constituem a resposta mais adequada para essas necessidades. Isso mesmo foi comentado por alguns atletas durante as entrevistas realizadas. A sua posição estratégica e as suas características espaciais e ambientais são convergentes com essa necessidade – um espaço, normalmente, de reduzidas dimensões e, sobretudo, fechado visualmente. Esses espaços devem promover estímulos que lhes outorguem privacidade e alguma forma de aconchego.

Essas características são, muitas vezes, associadas ao canto. O canto é citado por Gaston Bachelard (1983) como essencial numa casa, pela necessidade, vital, de o homem poder encontrar-se só, protegido, recolhido em si mesmo.

[...] Todo o canto de uma casa, todo o ângulo de um quarto, todo o espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é [...] o germe de um quarto, o germe de uma casa (Bachelard, 1983, p. 145-146).

Fechai o espaço! Fechai a bolsa do canguru! Nela faz muito calor (Blanchard, 1948, *in* Bachelard, 1983).

O canto pode ser o germe do espaço positivo, afirma Jean Cousin (1980, p. 114). As linhas que convergem a um ponto podem dar origem a um canto. Nesse momento, o dinamismo dessas linhas é dissipado, passando a atribuir ao espaço um ponto de chegada, uma pausa, um descanso. Será um espaço estático, *a-dynamique* como classifica.

Num espaço de reduzidas dimensões, como um canto, ou uma célula individual, a liberdade de movimentos é reduzida. As linhas convergentes e todo o contexto espacial do canto podem ter repercussões positivas, mas também negativas quando levadas ao extremo. A sensação de opressão ou prisão pode ser sentida. Essa situação é bastante nefasta para o nadador de competição quando, nos seus momentos mais privados, necessita apenas de privacidade, de um aconchego e, muitas vezes, de aumentar a sua autoconfiança (Figura 8).

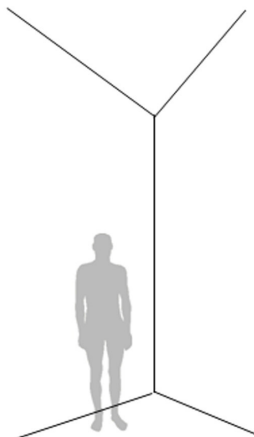


Figura 8. Efeito opressor de um canto.

Um canto ortogonal é, normalmente, menos acolhedor que um canto redondo. A forma redonda, se côncava, insinua a sensação de aconchego e protecção favorecendo a esfera pessoal do indivíduo. A inversão dessa concavidade, em forma convexa, opõe-se, de certa forma, às sensações. Desse modo, não só prejudica a situação do nadador como também se opõe à noção de canto e abrigo (Figura 9). Uma solução formal oportuna para as cabinas individuais seria a de configurá-las com planos côncavos.

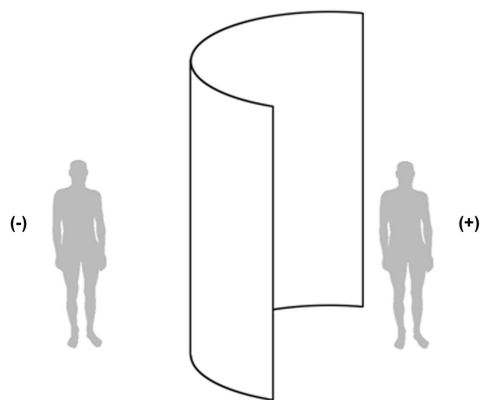


Figura 9. Efeito superfície côncava e convexa.

Como já referido, apesar de menos solicitado por esses nadadores, é importante que eles saibam que tais compartimentos existem e que podem ser utilizados para poderem responder a uma eventual necessidade de se isolar. A possibilidade de eleição é muito importante, também, pelo facto de ela constituir não só um benefício para a segurança, como também para a confiança do indivíduo.

Estas são apenas algumas breves considerações sobre o modo de actuar proposto e que consideram, plenamente, a vertente psicossocial do usuário bem como a dialogia, a interacção, entre ambos os actores deste cenário – homem/espaço.

É importante ter em conta, também, que esta abordagem deve ser considerada numa perspectiva global. Devem ser combinadas segundo a sequência de espaços e usos que o usuário sente ao longo da sua vivência numa entidade arquitectónica, porque esta vivência e experiência espacial é sempre dependente do/s espaço/s vividos anteriormente.

Esse modo de actuar, paralelamente, torna mais fácil ao arquitecto imaginar e fazer sua a vivência do espaço pelo usuário. O fundamento desta pretensão teve, também, a sua raiz nas teorias de Martin Heidegger (1995), que defendem que apenas quando o arquitecto é capaz de habitar poderá construir, e este construir pertence ao habitar, e a este se deve a sua essência.

Considera-se, desta maneira, que o modo de actuação proposto permitirá evitar, ou reduzir, a possibilidade do projecto arquitectónico se reger por dados irrelevantes, podendo até, em situação extrema, negar a própria existência humana e, portanto, desviar-se do fundamento arquitectónico.

O desenvolvimento deste modo de actuação permite, ao mesmo tempo, depurar os elementos e as estruturas da linguagem arquitectónica, tornando-os, assim, mais eficazes como meios de comunicação. Ele permite, também, mediante artifícios de linguagem visual ou outras, tornar mais clara e mais evidente a possibilidade de criar espaços que fomentem e fortaleçam o modo de viver do homem. Finalmente, ele reforça e apura significados que permitirão, também, estimular novas explorações tão necessárias à imagem mental e à própria condição existencial humana como ente individual e eminentemente social.

Considerações finais

Entre a teoria e a prática, no universo da arquitectura, reside um abismo imposto pela materialidade da obra. Isso resulta das vicissitudes e da subjectividade do projectista, enquanto ser individual (e social), na conceptualização do projecto e na própria opção metodológica. Assim, conduzir qualquer teoria conceptual e metodológica como instrumento legitimador da sua prática, sem esclarecer os propósitos e os meios da arquitectura e a posição do arquitecto como mediador interactivo entre o espaço e o homem, é torná-la infecunda. A lógica de actuação sugerida, não pretende encontrar ou ponderar uma solução, mas poder assumir-se como mais uma ferramenta, entre outras, no seio da problemática abordada, e, ao mesmo tempo permitir a ampliação de outras possibilidades e vertentes/índoles metodológicas. Tem a faculdade de ser integrada ou adaptada à metodologia própria de cada arquitecto ou, pelo menos, de possibilitar ao leitor contemplar uma visão mais crítica sobre a arquitectura e o papel do arquitecto, com os potenciais benefícios que daí poderão resultar.

Este modo de actuação específico bem como o conjunto dos problemas intrínsecos a este universo deverão ser objecto de actualização e reflexão permanentes, tal como acontece em qualquer ciência. Numa visão mais generalista, se as teorias ou tendências arquitectónicas fossem intransigentes e encaradas como

legitimadoras da sua prática, o progresso não se verificaria e talvez o mundo da arquitectura se limitasse a objectos de linguagem idêntica e estariam se opondo, paralelamente, ao próprio progresso do ser humano.

A manipulação do contexto construído na perspectiva que se tem exposto assume-se, aparentemente, como um instrumento muito modesto para o desenvolvimento humano e social, comparativamente com a educação ou os média (estes últimos cada vez mais influentes e omnipresentes). O contributo da arquitectura, pelo papel inerente que assume nesse processo, pode ser fundamental para a melhoria da qualidade de vida humana e de desenvolvimento de uma sociedade.

Infelizmente e incompreensivelmente (ou não, se se tiver em consideração o “peso” que se atribui ao “vil metal”), o sistema em que actualmente se vive, interessado em fortalecer cada vez mais os modelos comerciais e dos média, sacrifica o bem-estar do indivíduo pelo puro consumismo e enriquecimento “fácil”. Não se dá o valor e a importância merecidos às consequências nefastas a que essa atitude pode levar (tanto ao nível psicossociocultural, como político, como até económico). Essa posição ignora, inclusivamente, os atributos intrínsecos da própria arquitectura.

Ter em conta a importância da solidificação dos fundamentos da arquitectura (entre os quais se encontram as questões dialógicas espaço/homem) representa um custo muito reduzido em todo o processo de produção arquitectónica e constitui um benefício para o homem e para a sociedade, tendo em consideração que a qualidade do ambiente espacial alcançará, a médio e longo prazo, um maior bem-estar social, a melhoria do meio e, até, um maior crescimento económico.

Referências

- BACHELARD, G. 1983. *La Poética del Espacio*. Mexico, F.C.E., Ed. México, 281 p.
- COUSIN, J. 1980. *L'Espace Vivant*. Paris, Ed Moniteur, 236 p.
- GOMES, R. E. 2008. *Dialogia arquitectónica – comunicação visual e interacção. A piscina como palco de treino do nadador de competição*. Tese de doutorado. Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya – ETSAB, 453 p.
- HEIDEGGER, M. 1995. *Construir, Habitar, Pensar*. Recopilação a cargo de Enric Massip: Departamento de Projectos Arquitectónicos, Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona – UPC. Barcelona.
- MUNNÉ, F. 1995. *La interacción social. Teorías y ámbitos*. Barcelona, Barcelona PPU.
- VITRUVIO, M. 1987. *Los Diez Libros de Arquitectura. Livro I: De las partes en que se divide la arquitectura*. Madri, Ed. Akal.